

Agora o Brasil pretende conter saída de recursos ao exterior

por Getlio Bittencourt
de Nova York

A formalização do acordo sobre a dívida externa brasileira, assinada ontem no escritório dos advogados Sherman & Sterling, contou com a chancela de mais de 96% dos bancos credores. Quando todos tiverem assinado, o ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, espera contar trezentas assinaturas.

"Havia cerca de setecentos bancos credores do Brasil", disse ontem o ministro, "agora reduzidos a este grupo de trezentos." Estes serão os bancos com os quais o Brasil terá negócios.

Considero que esse processo de enxugamento foi positivo. Por um lado, facilita as negociações. Por outro, é um processo natural. Nos anos 70 muitos bancos (...) entraram no mercado internacional, porque era moda, perde-

ram dinheiro, e agora estão saindo."

Acompanhado pelo embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, e pelo presidente do Banco Central (BC), Elmo de Araújo Camões, o ministro dirigiu aos banqueiros um discurso de cerca de novacentas palavras, no qual anunciou a continuação de sua estratégia com quatro frases:

"A celebração do acordo com os bancos credores;

O estabelecimento de um programa econômico apoiado pelo FMI;

O reescalonamento da dívida oficial no âmbito do Clube de Paris;

E, finalmente, o estudo e a adoção de novos mecanismos de mercado para aumentar a entrada de recursos e reduzir o serviço da dívida." (Ver matéria abaixo.) O ministro assinou que "concluímos as três primeiras fases e estamos entrando agora na quarta".

Ele afirmou que, "com a normalização das relações com a comunidade financeira, o Brasil está recuperando sua credibilidade externa".

Disse depois que "seria um erro pensar que esse acordo representa a solução para o problema da dívida brasileira", considerando-o apenas "um passo nessa direção".

"O nosso próximo passo será no sentido de reduzir as transferências de recursos para o exterior por dois meios: pelo aumento nas entradas de recursos e pela redução no estoque da dívida", antecipou. "Estamos iniciando o exame de mecanismos adicionais para reduzir a dívida."

Mailson disse que sempre acreditou "que a solução para o problema da dívida está na cooperação e não na confrontação". Depois do ministro, discursou o presidente do comitê de bancos que assessorava o Brasil, William R. Rhodes,

do Citibank. Ele ressaltou que "os bônus de saída são um sucesso, com 85 bancos tendo subscrito até aqui mais de US\$ 1 bilhão deles".

Rhodes disse que estudos correntes indicam que "potencialmente o Brasil pode reduzir seu débito externo com bancos comerciais em mais de US\$ 18 bilhões entre 1988 e 1993", isso incluindo o dinheiro novo no atual "pacote". "Além disso, o Brasil pode salvar aproximadamente US\$ 3 bilhões através da redução das margens de juro nesse novo acordo", acrescentou.

Segundo Rhodes, quando o novo "pacote" tornar-se efetivo, em outubro, o Brasil estará em dia com seus pagamentos aos bancos. O presidente do BC, Elmo Camões, confirmaria depois essa informação, garantindo que o País pagará cerca de US\$ 2 bilhões referentes aos atrasados de fevereiro a setembro do ano passado.